

# O Ensino da Literatura Africana na Educação Básica: Observações Iniciais

p. 39 - 46

Adriane Roberta Ribeiro de Macedo<sup>1</sup>

André Suehiro Matsumoto<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo trata da importância do ensino da Literatura e, como a Literatura Africana tem sido inserida nessa disciplina. Com os objetivos de mostrar a importância do ensino da Literatura no crescimento cultural e intelectual do educando e como a inserção dessa literatura africana é importante para a construção das identidades negras no Brasil. Para tanto, nos baseamos na bibliografia de autores que argumentam que a questão racial é central para a compreensão das relações de poder que são inerentes nos processos culturais com destaque para Hall (2006), Bhabha (1998) e Canclini (1989).

**Palavras-chave:** Ensino. Literatura Africana. Cultura. Identidade Negra.

## The teaching of African Literature in primary education: introductory remarks

### Abstract

This article discusses the importance of teaching Literature and how the African Literature has been inserted on this discipline. Aiming to show the importance of teaching Literature in the cultural and intellectual growth of the student and how important is the insertion of the African Literature for the construction of Black identities in Brazil. For this we are based on the literature of authors who discuss that the racial matter is essential for the comprehension of the power relations that are inherent in cultural processes, with emphasis on Hall (2006), Bhabha (1998) e Canclini (1989).

**Keywords:** Teaching. African Literature. Culture. Black Identity .

## Aula de Literatura: aspectos relevantes

O ensino de literatura está estreitamente ligado à leitura. Mas diante dos inúmeros percalços enfrentados pela educação, a formação do leitor se configura como um dos obstáculos mais difícil de transpor. Pois é notável a dificuldade que temos, nós professores, em proporcionar ao educando a motivação para ler. Sabe-se, entretanto, que a tarefa de incentivo à leitura inicia-se antes mesmo do aluno frequentar a escola, partindo do exemplo dos pais e da importância que esses dão a essa atividade no âmbito familiar. É na interação

com os livros, na simples atividade de contar e ouvir histórias que a criança envolve-se com o imaginário proporcionado pelo livro. Entretanto, são raras as famílias que contribuem para o início de formação do leitor, processo esse essencial para um bom aproveitamento escolar em todas as áreas do conhecimento. Isso ocorre porque, a maioria das famílias não encontra tempo, na rotina familiar, para a leitura. Ou, ainda, porque as mesmas consideram comprar livros um gasto desnecessário. Ou seja, a leitura não está entre as prioridades para a família.

O tempo escasso é também a causa da falta

1 Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. E-mail: adrianeroberta@uol.com.br.

2 Licenciado em Letras/Inglês. Pós-graduando em Estudos Linguísticos pela UEMS E-mail: andre.suehiro@gmail.com

ou pouca leitura entre os professores. Apontamos mais especificamente, o professor de Língua Portuguesa e Literatura, já que esses profissionais são, na maioria das vezes, os responsáveis pela inserção do educando no mundo da Literatura. A carga horária excessiva, desse educador, em contraponto com as poucas aulas para o trabalho com a Literatura, fazem com que ele ministre as aulas de Literatura utilizando-se de uma práxis educacional que não motiva os alunos a ler.

Problema de difícil solução, sem dúvida, é a falta de tempo do professor. [...] A falta de tempo resulta em falta de preparo de aulas e de material didático apropriado. Nas escolas, muitas vezes, observam-se planos copiados de anos anteriores, objetivos traçados para outras turmas, por outros professores, critérios de avaliação aleatoriamente selecionados, que resultam em avaliações malfeitas e em aulas sem estímulo para os alunos (CAVALCANTE, 2003, p. 155).

O que foi exposto acima não é diferente no ensino de Literatura. As dificuldades para ministrar essa disciplina de forma efetiva e satisfatória são muitas. Uma delas está relacionada à formação e atualização do professor. Não são poucos os profissionais dessa área, que nunca mais leram um livro depois que se formaram, ou ainda, que leram um número muito pequeno de obras. Como incentivar a leitura, se nem o próprio professor lê? Além disso, é necessário que alguns professores deixem de lado o preconceito em relação à Literatura, é preciso abrir o leque de textos literários trabalhados para que seja possível oportunizar ao educando o maior número de obras possíveis. Para tanto, é primordial que o professor considere o perfil do aluno, suas vivências, seu contexto e suas (des)motivações.

Dessa forma, o professor será a ponte entre o texto e o leitor, mediando o aprendizado, fazendo desse processo uma oportunidade de crescimento e prazer. Afinal, a leitura disputa o espaço na vida do educando, com a televisão, computador e tantas outras formas de ocupar

o tempo, que o professor tem que deixar claro, convencer o educando que a literatura será capaz de proporcionar a ele um passeio pelo insólito, pela estranheza, por emoções e por tantas sensações que somente o texto literário é capaz de propor. Isso não é tarefa fácil, levando em conta que vivemos uma época que todas as estratégias pedagógicas para melhorar o processo ensino/aprendizagem parecem esgotadas. Mas, observa-se que antigas atitudes expostas por inúmeras pesquisas sobre formação de leitor, ainda funcionam: partir do que interessa ao aluno e respeitar a sua bagagem cultural. Não se trata de ler só o que ele gosta, mas também ler o que o interessa, levar o aluno até biblioteca, ou se isso não for possível levar livros para a sala de aula, criar um tempo mesmo que pequeno para ler, não só o aluno, mas também o professor. São estratégias simples, mas que podem surtir um efeito satisfatório.

Afinal, a sala de aula é o espaço onde professores e alunos trocam experiências relacionadas ao texto. Dessa maneira, o professor desenvolverá, no educando o gosto pela leitura e será mais fácil discutir as teorias dos clássicos da literatura, descobrindo assim, o que elas podem lhes proporcionar.

Outro empecilho no trabalho com a Literatura é que muitos professores acham que essa só precisa ser trabalhada no ensino médio, no ensino fundamental os textos servem apenas de pretexto para o ensino da gramática. Se o professor do ensino fundamental assumisse também para si o papel de formar um leitor, poderia separar alguns minutos das aulas para leitura. Então, ao ingressar no ensino médio, etapa essa que a maioria das escolas apresenta a literatura como componente curricular independente, o aluno já teria o hábito da leitura. Por isso, o professor do ensino fundamental deveria ter a preocupação em estimular os jovens para a prática da leitura.

Nesse universo, o professor tem papel

importantíssimo no processo de motivação do educando, auxiliando-o na descoberta do “novo”. Porém, para alcançar o objetivo almejado são necessários alguns pré-requisitos:

Em primeiro lugar, é necessário que o professor tenha amor pelo que faz. Ou melhor: é preciso paixão. O entusiasmo com que se fala de um livro, a maneira como se dá uma aula, os procedimentos selecionados podem ser os melhores remédios para educar o aluno que não tem o hábito da leitura. Não se ensina a amar o livro se não se gosta de ler (CAVALCANTE, 2003, p. 144).

Nessa direção a aula de Literatura tanto no ensino Fundamental como no Médio proporcionaria ao educando a oportunidade de refletir, discutir e interagir com professores, com colegas; com o próprio texto e sobre o texto, garantindo assim a comunicação.

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento de que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e “desconstrói” significados sociais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999, p. 138).

Levando isso em conta, o educando, no âmbito escolar, tem garantido o direito de utilizar-se da sua linguagem. Isso porque:

A competência do aluno depende, principalmente, poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido/ lido. A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999, p. 144).

É primordial, portanto, que o professor seja o incentivador da imaginação e da comunicação, propondo situações de convivência entre educador/educando mais dinâmicas possíveis, lembrando que o foco fundamental desse trabalho é a interação do leitor junto ao texto. É pertinente enfatizar que o texto literário ajudará ao educando se conhecer, se reconhecer e reagir

diante daquilo que foi lido. Somente assim é possível transformar as aulas de literatura de mero estudo dos movimentos literários e “decoreba” de datas e nomes de autores, para uma oportunidade de crescimento intelectual.

Entende-se, a partir disso, que a Promulgação da Lei 10.639/2003 que obriga as escolas a incluírem a história e a cultura africana nos currículos, ratifica esse tipo de trabalho no ensino da Literatura, já que por meio da Literatura Africana os educandos negros, afrodescendentes e brancos terão a oportunidade de entender a história e a cultura negra a partir de um novo olhar.

### **Observações iniciais e pertinentes do ensino da Literatura Africana na educação básica**

Na história do Brasil, a população negra teve toda a sua cultura relegada à apenas um termo: escravos. Durante séculos, a história dos negros nas escolas brasileiras cabia em algumas páginas do livro didático de História. Bastava contar que essa população entrou no país vista, exposta e vendida como animais. Procurava-se com isso destituir dessas pessoas a humanidade. Tentaram tirar sua dignidade, submetendo-as a todo tipo de humilhação, comparando-as a objetos, mercadorias, a animais e viveram assim durante muito tempo. Até uma princesa boazinha dar-lhes a liberdade.

A cultura que os negros tinham antes de serem escravizados, a que eles fizeram dentro das senzalas e quilombos, sempre foi ignorada. O que se sabia da cultura negra? O que a escola ensinou sobre a cultura negra? Nada além de terem sido escravos.

Consequentemente restou aos descendentes dos escravos, uma definição simplista e reduzida da sua história, sua cultura resumia-se a ser

descendentes dos escravos. Ignorou-se que o negro na África vivia em comunidade que contava com toda a estrutura social de qualquer outra comunidade do mundo, sua organização social, línguas próprias, religião e muito mais. O negro foi arrancado de seu solo, para ser humilhado, espoliado e explorado em solo brasileiro.

Segundo Kelly Cristina Araújo:

[...] não acharam um lugar vazio ou povoado de homens bárbaros... na África, encontraram povos com ricas e variadas culturas. Muitos eram os estilos de arquitetura utilizada na construção suas casas e templos, da cerâmica em que guardavam seus alimentos ou davam forma a seus deuses, da pintura e da escultura, entre tantos outros elementos. Havia homens e mulheres ocupados com as mais diversas atividades. Lá viviam alfaiates, pescadores ceramistas, músicos, contadores de histórias, apenas para citar alguns dos seus ofícios (ARAÚJO, 2003, p.10).

Durante aproximadamente 350 anos os negros foram escravos, mas a abolição não acabou com a escravidão, pois as marcas estão até hoje arraigadas na população negra e também na branca. Já que muitos ainda consideram o negro, uma camada de seres humanos inferiores, e que merecem, por isso, estar no patamar mais baixo da camada social. Em boa parte das pesquisas sociais realizadas no Brasil, os negros sempre ocuparam lugares inferiores na camada social brasileira, como retratou bem Gorender (2000), em seu livro *o Brasil em preto e branco*:

Não há dúvida de que o quadro da desigualdade socioeconômica atual reproduz, em termos ampliados e contemporâneos, a desigualdade característica da sociedade escravocrata. A sociedade capitalista herdou, por assim dizer, o DNA da escravidão e não logrou se desvencilhar dessa herança. Os negros deixaram de ser escravos, porém assumiram, em grande parte, a condição de pobres e de indigentes. A eles se juntou uma parcela da população branca para compor a base da nossa pirâmide social (GORENDER, 2000, p. 88).

Pode-se afirmar, a partir do exposto, que mesmo depois do fim da escravidão, o negro continua sendo tratado como um ser inferior,

e por isso pertencente à camada inferior da sociedade brasileira.

Entretanto, faz-se necessário apontar que apesar de todas as dificuldades e injustiças passadas por essa população, ela jamais a aceitou passivamente. A história nos revela que foram muitas as tentativas para mudar a situação. E, ainda hoje, continuam a lutar para serem respeitados.

A lei 10.639, que garante o ensino de História e da cultura negra nas instituições de ensino brasileira é também uma demonstração que essa luta continua. Ela se configura numa estratégia para diminuir e/ou acabar com esta realidade que é ainda de discriminação, por meio da educação. Entende-se que com um processo educacional que traga em sua organização curricular o ensino da história e da literatura Africana auxilie na (re) construção da identidade negra para os alunos negros e afrodescendentes e desconstrua os (pre) conceitos por parte dos alunos brancos. E não se trata de mostrar o sucesso do negro no futebol, na música, no carnaval. O ensino da literatura Africana nas escolas como contempla a lei, valorizará o negro brasileiro e sua cultura, mostrando a luta de resistência deste povo, mostrando que os negros aqui trazidos em momento algum se conformaram com a vida que levavam e por isso lutaram por liberdade, e isso dignifica a pessoa negra, como nos mostra Ramão:

Conhecer a história de um povo que, quando escravizado e transplantado de sua terra, de sua comunidade e de sua sociedade para o Brasil, “trouxe toda a sua história de vida na alma, porque não lhe foi permitido carregar nenhum pertence”. Ou talvez um único... a sua auto-estima. Quem sabe, resposta para tantas tentativas de silêncio e inspiração e motivo para tanta resistência (RAMÃO, 2001, p.177).

Por em prática essa lei oportunizará uma abordagem inovadora no que diz respeito à Literatura, pois levanta questões que podem ocasionar uma (re)significação do estudo da

Literatura, sobretudo à Literatura Africana, que até então era desconhecida, ignorada, desvalorizada e/ou vista na perspectiva apenas do colonizador. De acordo com a escritora Nigeriana Chimamanda Adichie<sup>3</sup>, o perigo de conhecer a História assim, segundo ela, “[...] é cultivar preconceitos, é desvalorizar a cultura do outro sem mesmo tê-la conhecido”.

Pode-se afirmar então que o negro brasileiro tem conhecimento unilateral de sua história e de seus antepassados, e a perspectiva que lhe é mostrada não é nada dignificante, sendo assim não há como condenar àquele que não se orgulha em ser negro, ou ainda que não assume a sua descendência, é preciso cultivar as identidades negras no Brasil. Como afirma Stuart Hall sobre a construção de identidade: “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p.12).

De acordo com o autor (*op cit*) a identidade não é construída biologicamente como muitos acreditam, mas se constrói e define por meio da história e da cultura. É no entendimento do que foi feito por nossos ancestrais, que nos construímos e nos reconhecemos. É isso que torna o ensino da Literatura Africana desde a educação básica, tão importante. Afinal, parte da sociedade brasileira que ainda tem uma visão preconceituosa do negro, representando o negro como pessoas que não merecem confiança, que por natureza são maus elementos e que não tem competência para exercer na sociedade o papel que não seja a do empregado. E os meios de comunicação ratificam essa representação, não são poucas as telenovelas que trazem os personagens negros como ladrões, maus elementos ou ainda como empregados

domésticos.

A partir do estudo da Literatura Africana, a escola terá condições de mudar isso de uma maneira prazerosa. Pois, o simples fato de o educando encontrar nos textos literários personagens que fujam do tão conhecido perfil em que o protagonista e a maioria dos personagens são brancos, quando não têm belos olhos azuis e muitas vezes é reservado ao negro o papel do vilão.

Com o conhecimento da Literatura Africana, por exemplo, deixaremos de ter a história de luta dos negros contada na visão somente do branco, coisa que, durante muitos anos, os povos colonizados sofreram. Mostrar que o negro é capaz de escrever sua própria história, não desmerecendo o outro.

Estudar a Literatura Africana é deixar de ver como personagens apenas homens e mulheres de pele branca e de olhos azuis, e passar a ver negros sendo protagonistas de suas próprias histórias. Uma das formas de se criar uma identidade cultural é a valorização da cultura de um grupo, nação ou país. Chimamada Adich (2011) diz que se queremos acabar com uma cultura ou identidade, é contar sobre ela uma única história.

Em seu livro *A Identidade Cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (1997) faz uma análise sobre a identidade cultural. O argumento do autor é que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência

---

<sup>3</sup>Chimamanda Adichie, é uma escritora nigeriana cuja palestra foi extraída do Youtube. Disponível em [http://www.youtube.com/results?search\\_query=chimamanda+adichie&aq=0&oq=chimamanda](http://www.youtube.com/results?search_query=chimamanda+adichie&aq=0&oq=chimamanda). Acessado em: 20 jul. 2011.



que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Acredita-se que através do ensino da literatura Africana nas escolas, teremos a valorização do negro brasileiro e de sua cultura, pois terá o conhecimento de sua origem, de sua história, e com isso talvez, poderá se aplacar o preconceito racial contra a pessoa negra nas escolas e na sociedade em geral. Se quisermos ser respeitados, é necessário que nos conheçamos e saibamos de onde se deu a nossa origem. Conhecer a própria cultura nos ajuda a conhecer e a respeitar as diferenças existentes e a valorizar o outro.

Segundo Candau: “[...] abordar as diferenças não pode contribuir para isolar grupos, para criar guetos, para aumentar na sociedade, a fragmentação que se pretende neutralizar” (CANDAUI, 2008, p.53).

Desde a graduação em letras, percebe-se a falta do ensino da literatura africana nas escolas e também nas faculdades brasileiras. Na graduação, por exemplo, estuda-se sobre diversas literaturas, como as literaturas, espanhola, inglesa, portuguesa e a brasileira, mas em nenhum momento se aborda sobre a existência de uma Literatura Africana, fazendo parecer que não há produção literária em países da África.

Acredita-se que este fato, tem contribuído de maneira significativa para a depreciação do

afrodescendente no Brasil e de sua cultura, mantendo, assim, o preconceito racial existente no Brasil, desde os anos de escravidão a que esta população foi submetida.

Se podemos estudar sobre a literatura espanhola, portuguesa e inglesa, porque não estudar a literatura africana e sua história? Por que não estudar nomes como Pepetela<sup>4</sup>, Antonio Agostinho Neto<sup>5</sup>, José Eduardo Águas, Chimamanda Adich, e tantos outros autores de literatura Africana? Sendo o Brasil um país híbrido<sup>6</sup>, faz-se necessário uma educação que atenda a diversidade cultural existente. Uma educação que valoriza a diversidade étnico-cultural do país. Uma educação que ao invés de excluir, inclua o negro, como escreveu Maria Elisa Cevalco sobre os estudos culturais:

Essa correção visa chamar a atenção para o fato de que os estudos culturais começaram como um empreendimento marginal, desconectado das disciplinas e das universidades consagradas, e começaram não porque este ou aquele intelectual os inventou, mas a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade (CEVASCO, 2003, p.62).

Para a construção da identidade, neste caso a africana, faz-se necessário o ensino da cultura afro-brasileira através do ensino da História, da Literatura, das artes e das esculturas africanas. O ensino da literatura Africana nas escolas dará a oportunidade à sociedade estudantil brasileira

---

<sup>4</sup> Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) nasceu em Benguela, Angola, em 29 de outubro 1941. é um dos autores renomados da literatura Angolana, é graduado em sociologia pela universidade de Lisboa Portugal. Ganhou o Prémio Camões pelo conjunto da sua obra. Em 2002 recebe a Ordem do Rio Branco, Brasil. Dono de uma vasta obra que retratam os costumes do povo africano, mais especificamente os costumes de Angola. Dentre essas obras destacamos: A parábola do Cágado velho, Mayombe e Yaka que tem publicação no Brasil. Atualmente é professor de Sociologia da Faculdade de Arquitetura de Luanda, onde vive.

<sup>5</sup> António Agostinho Neto nasceu no dia 17 de setembro de 1922 em Angola no município do Bengo- Luanda. Em 1970 - Galardoado com o prémio Lotus, atribuído pela 4ª Conferência dos Escritores afroasiático. Foi membro fundador da União dos Escritores angolanos em 1975, do qual foi presidente da assembléia geral do mesmo órgão. Formou-se em medicina pela universidade de Lisboa. Foi o primeiro presidente da República de Angola.

<sup>6</sup> Híbrido: etimologicamente corresponde a uma miscigenação ou mistura que violava as leis naturais. Para os gregos, o termo correspondia á desmedida, ao ultrapassar das fronteiras, ato que exigia imediata punição. A palavra remete ao que é originário de “espécies diversas”, miscigenado de maneira anômala...os termos híbrido e hibridação vêm sendo utilizados, sobretudo pela crítica pós-moderna, preferentemente aos termos mestiçagem ou sincretismo, pois, segundo Canclini(1989,p.14-5), mestiçagem estaria principalmente associado á mistura de raças, no sentido, portanto, de miscigenação, enquanto sincretismo á mistura de diferentes credos religiosos. Assim, hibridação será a expressão mais apropriada quando queremos abarcar diversas mesclas interculturais. (Zilá Bernd)

a tere um conhecimento maior sobre a luta de resistência do povo negro.

O espaço escolar é um lugar de diferenças. Encontramos neste espaço diferentes formas de pensar, de ser, de agir, de sexo, de religião, de raça, e essas diferenças precisam ser valorizadas. Essas diferenças não podem de forma alguma criar barreiras no aprendizado dos alunos. Quando as diferenças existentes forem bem exploradas, aí sim, elas servirão de motivo de inclusão e nunca de exclusão, como afirma Fleuri:

O aluno que tem suas tradições culturais próprias reconhecidas e valorizadas no âmbito do processo de ensino encontra possibilidades de inserção mais ágil no cotidiano escolar. Nesse sentido, a elaboração de um programa curricular que valoriza as contribuições de várias culturas de forma explícita dinamiza e potencializa o conhecimento numa perspectiva multicultural, intercultural (FLEURI, 2003, p. 30).

Segundo Lúcio Kreutz (1998), a escola não é apenas um lugar a mais em que se repetem os prejuízos e as tensões étnicas. Neste sentido, ela é o lugar-chave porque é essencial na produção e reprodução da cultura da sociedade, elemento distintivo daquilo que entra em jogo nas relações étnicas.

Devemos salientar a importância da Lei Nº 10.639/03, no que diz respeito ao ensino da literatura africana e sua cultura, para a construção da identidade.

A identidade nesta concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os partes de nós, contribui para alinharmos nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura (ou para usar uma metáfora médica, “sutura” o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos mais reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, p.11-12).

A identidade cultural nos faz pertencer a

uma cultura ou do lugar de onde estamos, onde todos são vistos com igualdade de condições. Acreditamos que o ensino da cultura africana e de sua história contribuirá para a construção de uma identidade afro-brasileira. Segundo Benjamim Abdala Junior:

Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos... a identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de recusa das normas inculcadas (ABDALA, 2004, p.13).

Além disso, a discussão das identidades faz-se relevante, principalmente em um país como o Brasil, rico em diversidades culturais, e também de ser um assunto que está sendo muito debatido hoje na modernidade.

A discussão sobre as identidades está muito em voga no momento e, como escreveu Lúcio Kreutz (1998), tem recebido atenção especial em várias áreas do conhecimento. Esta discussão é muito séria e importante ainda mais quando falamos de um país multicultural como o Brasil, onde mesmo reconhecendo as várias culturas e etnias que formam o país, algumas ainda assim são silenciadas de diversas formas e maneiras possíveis.

## Considerações finais

Por tudo isso, acredita-se que o ensino da Literatura deve superar o liame do estudo dos movimentos literários e se configurar numa oportunidade do educando de se (re)conhecer a partir da interação com o texto literário e, dessa forma, questionar como se tem desenvolvido esse trabalho e se a inserção da Literatura Africana tem permitido uma (re)construção da identidade negra.

Esse espaço escolar que se quer resignificado deve e precisa ser um lugar de

diálogo, de entendimento e respeito, ou seja, um espaço realmente multicultural, onde todos os grupos sociais acionem suas múltiplas identidades livremente.

## Referências bibliográficas

ARAUJO, Kelly Cristina. *A África no Brasil*. São Paulo: Scipione, 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BERND, Zilá, O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do caribe. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamim (Org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CEVASCO, Maria Eliza. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. In: FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.). *Inter cultura: estudos emergentes*. Ijuí: UNIJUI, 2001. p. 129-150.

GORENDER, Jacob. *Brasil em preto & branco: o passado escravista que não passou*.

São Paulo: SENAC, 2000.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ABDALA JUNIOR, Benjamim. Um Ensaio de Abertura: mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

KREUTZ, Lúcio. Etnia e Educação: perspectivas para uma análise histórica. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denise Barbara (Orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998. p. 93-109.

MEC – Ministério da Educação. 15. Lei nº 10.639.1999

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas,SP: Papyrus, 1997.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. *Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*. Rev. Bras. Educ. n. 23, maio/jun./jul/ago., Rio de Janeiro: 2003. p. 15-38.

**Artigo enviado em:** 05/09/2012

**Aceite em:** 20/12/2012